
O Imaginário Latino-Americano: Memórias devoradas que se recriam¹

Marco Antonio Bin²

Resumo: A proposta deste trabalho é discutir a realidade da América Latina contada pelas vozes narrativas de sua literatura, como modo de invenção de sua história, já que os documentos oficiais de sua descoberta nos foram interditados. Desde o cronista Bernal Diaz, participante da expedição de Hernán Cortez, até as falas produzidas nos dias de hoje pelos poetas anônimos das nossas periferias, temos uma tradição cultural que nos ensina, nos faz refletir sobre nós mesmos. As narrativas de nossa mestiçagem, desde o período da Conquista, assim como as demandas do consumo acelerado de bens culturais na contemporaneidade, proporcionarão o contexto para a análise metodológica deste artigo.

Palavras-chave: literatura; mestiçagem; memória, América Latina.

Resumen: El propósito de este trabajo es discutir la realidad de América Latina contada por sus voces narrativas literarias, como una invención de su propia historia, una vez que los documentos oficiales de su descubrimiento no se les permitían a nosotros. Desde el cronista Bernal Díaz, un participante de la expedición de Hernán Cortés, hasta las líneas producidas hoy por poetas anónimos de nuestras periferias, tenemos una tradición cultural que nos enseña, nos hace reflexionar sobre nosotros mismos. Las narrativas de nuestro mestizaje, de la época de la conquista, así como las demandas del consumo acelerado de bienes culturales en el mundo contemporáneo, proporcionarán el contexto para el análisis metodológico de este artículo.

Keywords: literatura; mestizaje; memória; Latinoamérica.

¹ Artigo revisado e ampliado, originalmente apresentado no II COMUNICON ESPM/SP, GT Comunicação, Consumo e Memória, realizado nos dias 15 e 16 de outubro de 2012.

² Doutor em Ciências Sociais pelo Programa de Estudos Pós-graduados em Ciências Sociais da PUCSP. Professor do departamento de Comunicação Social da FIAM-FAAM. E-mail: marcobin@gmail.com



Gran civilización, gran pueblo – en la acepción que tiene valor para la historia – son aquellos que, al desaparecer materialmente en el tiempo, dejan vibrante para siempre la melodía surgida de su espíritu y hacen persistir en la posteridad su legado imperecedero.

José Enrique Rodó

Os narradores da origem

Em seu belíssimo livro que nos traça um formidável painel sobre o romance latino-americano, *La Gran Novela Latinoamericana*³, que orientará o desenvolvimento deste artigo, há o relato de um comentário do pintor flamenco Albert Dürer, impressionado com um conjunto de objetos de arte aztecas, enviados pelo conquistador Hernán Cortez. Seu comentário, “... não havia visto nada que comovesse meu coração como ao ver estes objetos, pois neles descobri obras de arte que me maravilharam. Ali está a imaginação sutil dos povos dessas terras exóticas⁴” (FUENTES, 2011, p.15).

A memória épica, relativa ao descobrimento de nosso continente, está marcada por um formidável conjunto de circunstâncias transformadoras, que mobilizam o homem renascentista para além dos horizontes geográficos conhecidos, em nome da expansão do comércio, dos lucros, em busca por terras sem história, sem tempo, as utopias atemporais, sendo a América a realização dessa utopia imaginada pelas mais

³ Editora Alfaguara, Buenos Aires, 2011, ainda sem tradução para o português.

⁴ Todas as traduções deste artigo foram realizadas pelo autor.

diversas civilizações, ao longo dos séculos. É também um tempo de grandes descobertas, ampliando igualmente o horizonte do conhecimento humano: na astronomia, com a demonstração, por Copérnico, do heliocentrismo, no lugar da crença celeste formada desde Ptolomeu, a do geocentrismo, a Terra como centro do universo; no comércio, com o início das grandes navegações e o descobrimento do Novo Mundo, abrindo caminho para um novo sistema econômico, o capitalismo mercantilista; na filosofia, o homem “se libertando da fatalidade dogmática da fé, sem se converter no dono absoluto da razão” (FUENTES, 2011, p.20), com a publicação de O Elogio à Loucura, de Erasmo de Roterdã, e A Utopia, de Tomás Morus; nas artes, a revalorização da dimensão humana – o corpo e a expressão de seus sentimentos, plasmados inicialmente por relatos bíblicos – como centro dos temas pictóricos e dos estudos da perspectiva. A imprensa de Gutemberg já provocava uma propagação de casas editoriais pela Europa, contribuindo para o declínio do latim e para a valorização do vernáculo, ou seja, a língua falada pelo povo. O protestantismo de Lutero irá de maneira direta incentivar a difusão da leitura, a princípio da bíblia em alemão, e mais tarde, a literatura popular, em livros baratos e acessíveis (ANDERSON, 2008).

Assim, os objetos de arte aztecas apreciados por Dürer, não podiam exprimir outra coisa senão o maravilhamento causado por uma civilização desconhecida, própria do imaginário de uma Utopia que prometia abundância de natureza, de ouro, cujas pessoas vivessem em harmonia, sem ambições, sem propriedades que não fossem comuns. São as descrições de Bernal Diaz, que participa da expedição de Cortez em 1519, que Fuentes utiliza para destacar as primeiras impressões desse mundo utópico, que será destruído pela ganância dos colonizadores.

Desde a Antiguidade, as civilizações do Ocidente alimentaram os sonhos e o imaginário em torno da existência de um Paraíso Terreal, “um estado de delícias e venturas que teria a humanidade vivido no começo dos tempos” (HOLANDA, 2000, p.185). Esse mundo paradisíaco era descrito por Aristóteles, citando as navegações dos cartagineses para além das colunas de Hércules, hoje conhecido como o estreito de Gibraltar, passagem do Mediterrâneo para as águas abertas de um oceano imenso e desconhecido, onde encontrariam ilhas cobertas por florestas, com grande variedade de frutos, de diversas espécies. Venturosas ilhas, redutos das mais

saborosas delícias edênicas, mas com seus portões vigiados para os mortais, imagens que ganhavam beleza e magia a partir das inúmeras narrativas incorporadas à mitologia. Na altura do século XV, paisagem ainda imaginada, senão por escassos e ousados navegadores. Bem antes dos portugueses lançarem suas âncoras em Porto Seguro e realizarem sua primeira missa em terras do Novo Mundo, configurando a descoberta destas terras “em tal maneira graciosas que, querendo-a aproveitar, dar-se-á nela tudo”⁵ ou, conforme as palavras de Fuentes, dando impulso à nossa invenção, o paraíso terrestre se confundia com as origens etimológicas da palavra Brasil, em topônimos dos registros cartográficos de inúmeros navegadores, como no caso de André Benincasa, em 1467, onde aparece o indicativo de *Braçile* para a ilha de São Brandão; ou um século antes, em 1367, o nome de *Ysola de Braçir* para as chamadas Benaventuras; ou ainda a indicação irlandesa *Hy Bressail* e *O’Brazil*, que significavam “ilhas afortunadas”. Assim, as etimologias da palavra Brasil já nomeavam, antes de sua descoberta, ou invenção, essa mítica visão terrestre do paraíso (HOLANDA, 2000, p.209).

Desse modo, a América surge como complemento ao Velho Mundo, a Natureza abundante, bela, sem história, a Utopia e a chegada da Idade de Ouro, de um tempo feliz, a realização de um mundo antes apenas imaginado, caminho aberto para a descrição do fantástico, inspirada não só pelo cenário que desponta em toda sua abundância e magnificência, como pela impossibilidade de se prender aos relatos verossímeis sem se deixar envolver pela imaginação, ou pela loucura. No primeiro caso, o exemplo da narrativa épica de Bernal Dias, que para descrever a composição do mundo recém-descoberto, cultivando elementos próprios de um romance. E no segundo, tomando por base a obra de Erasmo de Roterdã, a estultícia se manifesta como a celebração da alegria e irreverência, da ironia e da volúpia, e assim, como a permissão aos prazeres em perfeita sintonia com a Utopia da natureza abundante, de um mundo novo,

(...) sim, disse-me se há, acaso, um só dia na vida que não seja triste, desagradável, fastidioso, enfadonho, aborrecido, quando não é animado pela volúpia, isto é, pelo condimento da loucura? (ERASMO, 1979, p.17).

⁵Trecho final da carta de Pêro Vaz de Caminha, relatando a chegada ao Brasil.

A conquista da América, em nome da racionalidade mercantil, surge como prêmio aos esforços conjuntos de um núcleo dinâmico da burguesia espanhola e portuguesa e amparada pelos interesses do Estado patrimonial – como afirma Faoro,

Nenhuma classe, nenhum conjunto de cobiças ou ambições, por si só, seria capaz de movimentar as naus rumo ao mar alto (...) todos colaboraram (...) ávidos de lucros, ardentes de fé, todos por si, sob a bandeira real (...)(FAORO, 2000, p.63).

e dessa maneira, abrindo caminho para as interpretações marcadas pelo hiperbólico maravilhoso das paragens descobertas. A narrativa de nossos primeiros cronistas, como Bernal Días, estará embebida dessa nuança fantástica, “Ver coisas nunca ouvidas, nem vistas nem ainda sonhadas, como víamos” (FUENTES, 2011, p.26).

A Bernal, que participou da expedição de Cortez ao México em 1519 e escreveria muitos anos mais tarde suas memórias (1568), não escapará, em seus registros, a visão do martírio indígena, concebendo em ricos detalhes a aventura épica, sem deixar de revelar páginas de violência e destruição na passagem dos espanhóis por Tenochtitlán. Relata o passado em minúcias, nomeia os participantes da campanha épica, tornando-a viva aos olhos tanto de seus contemporâneos, como para seus leitores, séculos mais tarde. Uma épica em movimento, inconclusa, que não se restringe ao passado, mas que está a cumprir-se; e coletiva, porque compartilhada com os homens humildes, que realizaram seu próprio destino. O leitor do futuro, que responde aos anseios dos acontecimentos presentes, vinculando-o ao processo histórico narrado e do qual faz parte, ou nas palavras de Michelet, “o trânsito de um povo do silêncio à voz” (idem, p.34). A memória de Bernal recompõe os acontecimentos com vivacidade, dentro de uma estratégia narrativa, dentro de características específicas do romance moderno, a saber:

- o amor pela caracterização;
- o amor pelo detalhe;
- o amor pelo murmúrio, esse rumor contido nas descrições que escapam do esclarecimento narrativo;
- os grandes retratos sociais;

- a teatralidade e a intriga, o jogo dos participantes no tabuleiro político das decisões (idem, p.36).

A lembrança do grande romance se fará presente no futuro, onde os fatos do passado alimentarão os pormenores do formidável empreendimento. Noutras palavras, a memória desvelando cada detalhe e que perpassa o fantástico, ao resvalar nas lembranças difusas, tangidas pelo cenário deslumbrante. Ao retomarmos Cortez, o conquistador renascentista, Montezuma, o Grande Tlatoani, o Senhor da Grande Voz, que será calado, Malinche, a Marina, a mulher que “outorgou a língua índia aos espanhóis, e a língua espanhola aos índios”, personagens que simbolizam a história de nosso continente, retomamos os movimentos dos donos da voz que se pretende oficial, os milhões de vozes silenciadas, a perfídia midiática, em suma, nosso presente reiterando o passado e projetando o futuro, círculo de reincidências que renovam o fracasso da épica da conquista e da utopia de nossa invenção. Em um decreto real, datado de 1553, ficou proibida a circulação nas colônias americanas sobre as histórias da conquista, ou em outras palavras, nos foi vedado conhecer a nós mesmos, as nossas origens, a nossa história do princípio, e isso nos ofereceu, com o passar dos tempos, a chance de escrever nossas próprias histórias, a criar nossa fantasia como forma de suprir um vazio indelével. E o barroco despontará como o instrumento ideal para forjarmos nossas lendas, sonhos, visões memoráveis, a expressar os signos de nosso destino. A esse respeito, transcrevo um sugestivo comentário de Lezama Lima:

O barroco como estilo conseguiu já na América do século XVIII o pacto da família do índio Kondori, e do triunfo prodigioso do Aleijadinho, que prepara já a rebelião do século seguinte e é a prova de que se está maduro para uma ruptura. Eis aí a prova mais decisiva, quando um esforçado da forma recebe um estilo de grande tradição, e longe de diminuí-lo o devolve enriquecido, símbolo de que este país alcançou a sua forma na arte da cidade”. É a gesta que no século seguinte ao do Aleijadinho vai realizar José Marti (LIMA, 1988, p.105).

Lezama Lima releva a síntese índia-hispânica e hispano-negróide, define o barroco americano como um estilo enriquecido, e aponta para a rebelião do futuro, do século de Marti, luta e ruptura no continente, sem rompermos com nossa condição mestiça. Assim, Aleijadinho é a imponente síntese, mãe negra escrava e pai arquiteto português, e coloca “o mundo lusitano como parte do hispânico” (idem, p. 106), o passado que prepara o futuro, a narrativa que se retoma e se renova, em nome de um

país que é um continente, e no grande vazio em que preenchemos, buscamos Nome, Memória, Voz. Conforme Fuentes,

Como se chama, quem foi seu pai e sua mãe, qual é a sua palavra, como fala, quem fala por você, perguntas urgentes, atuais, do continente americano, são formuladas tácita ou explicitamente por Bernal, e serão perguntas de Ruben Darío e de Pablo Neruda, de Alejo Carpentier e de Juan Rulfo, de Gabriela Mistral e Gabriel Garcia Márquez (FUENTES, 2012, p.41).

Os narradores de ontem e de hoje

Perguntas que alcançam os milhões de vozes silenciadas, ou que ainda não foram ouvidas, não se manifestaram, não deram seu sonho como inspiração, ou sua vida como relato. Penso em especial nos jovens das periferias de nossas grandes cidades (como poderia pensar nos indígenas, nas crianças abandonadas, nas jovens prostituídas e tantos outros segmentos e grupos sociais), agrupados em pandillas nas regiões de violência extrema, nos que sobrevivem desgarrados e maltrapilhos nas ruas, em trabalhos humilhantes, ou nestes que conheci mais proximamente, trabalhando duro à luz do dia e ensaiando sua voz, sob a luz esqualida, na noite maldormida, para que uma vez tornada poesia, a promova em alto e bom som nos encontros da quebrada, nas esquinas, nos saraus, nos eventos de música, inventario de uma progênie dos dias loucos ou lokos, como gostam de dizer, essa loucura erasmiana, provocadora dos costumes e das instituições corrompidas, crítica mordaz da razão, com o que travestem o cotidiano pervertido por um racionalismo mercantilizado, e que os inspira a manterem-se vivos.

A memória épica do romance latino-americano está presente em inúmeros exemplos. Carlos Fuentes redige seu ensaio *La Gran Novela* referindo-se a um punhado deles, começando por Bernal Diaz, até chegar aos nossos dias. E passa por alguns notáveis conhecidos, Carpentier, Lezama Lima, Garcia Márquez, Juan Rulfo, ligados pela narrativa fantástica, com suas personagens locais, de prosódias típicas, portando signos que integram movimentos solenes, que se destacam em sua grandiosidade universal. Personagens que trazem as marcas épicas, de um passado que sobrevive no imaginário popular de nosso continente, nas lendas, nos mitos, nos processos históricos. Octávio Paz aborda em seu maravilhoso *O Labirinto da Solidão* sobre o significado da expressão *chingón*, tão presente no léxico do mexicano, e que

pode ter várias interpretações, a depender da entonação, ou da circunstância em que é proferida. Malinche foi La Chingada, “mãe aberta, violada ou seduzida pela força” (PAZ, 2006, p.75) e assim essa expressão ganhou derivações e significados, pejorativos ou não. A grande narrativa épica de nossa invenção registrou e nos aportou um vocábulo, presente no cotidiano e no imaginário mexicano.

Um desses maravilhosos narradores de nosso continente foi Mariano Azuela. Uniu-se voluntariamente aos rebeldes villistas, recebeu armas e munições de Villa, e improvisou, como médico de profissão, um hospital de campanha enquanto os combates ocorriam. Mais tarde, entre a atenção a feridos e fugas dos ataques constitucionalistas, fez os apontamentos para seu grande romance da revolução, *Los de Abajo*, um painel multifacetado, registrando conforme sugere o título, o ponto de vista por detrás das pessoas simples, a crise social, o destino de uma comunidade. Estamos diante de outra epopéia, os relatos do coletivo, ainda que se destaquem os rostos dos personagens, como Demetrio Macías, de características indígenas, “um herói contemporâneo, que vive a aventura mítica degradada de um processo revolucionário histórico” (LUKÁCS *apud* PORTAL, 2008).

Ainda uma vez o relato épico em movimento, calcado nos fatos reais de um processo histórico, que coloca o leitor sob o estremecer dos acontecimentos. Ao contrário de Bernal Diaz, que esperou por anos para redigir sua obra, Azuela a escreve em meio aos combates, em meio aos atendimentos médicos. Mas tal como Bernal, suas páginas estão carregadas de descrições sobre os personagens que participam da epopéia da revolução.

Outro romance que aborda a dimensão mítica do espaço (o pampa) sua gente e seus costumes é *Don Segundo Sombra*, de Ricardo Güiraldes. Aqui, a narrativa ganha atributos épicos quando o gaúcho, figura icônica do passado do pampa, é elevado a referência nacional (em contraponto ao cidadão urbano), corporificado na personagem (ou será apenas uma ideia?) de Segundo Ramirez Sombra, o capataz da estância. Memória de um passado que se projeta no presente, que abarca o leitor em seu mundo contemporâneo, “A utopia construída em torno do campo sem mácula e regenerador de valores em crise não faz parte de uma experiência cotidiana?” (MARSIMILIAN *in* GÜIRALDES, 2004, p.10).

Esse canto elegíaco pela terra e sua gente estende-se nos relatos de Mário Arregui, ao nos apresentar tipos que se sucedem em seus contos, que manifestam em comum a vivência nas planuras mornas e sem fim do pampa uruguaio, frequentemente submetidas às circunstâncias da geografia e do caráter gaúcho. Personagens que perambulam sem destino, ou mesmo sem objetivo, mas que não titubeiam em seu espírito decidido, em pequenas conquistas ou frustrações, e seguem em suas vidas atemporais, identificadas pelos registros dos costumes, o mate, o cavalo, o sol, a noite fria e silenciosa.

Os narradores de hoje e de amanhã

Chegamos ao final de nossa exposição, trazendo a lume aqueles que retomam os percursos da narrativa épica e constroem o sonho utópico nas cinzas da contemporaneidade. São as vozes que, até a um tempo atrás, estavam silenciadas pelos Senhores da Grande Voz do continente, e assim, mergulhavam na árdua luta da sobrevivência invisível. Aos poucos, com seu brado persistente, que mal ultrapassa as barreiras imaginárias das periferias urbanas, começam a apresentar seu discurso e vemos que ele está diretamente ligado às tradições das narrativas passadas. A narrativa deixa de se limitar à escritura e ganha visibilidade na performance, ocupando os espaços públicos e vistos por um público restrito; ou, transposta como imagem em movimento e catapultada pelas redes sociais, via Youtube, sendo vista por uma assistência ilimitada.

O tema dessas narrativas está no cotidiano: o desemprego, o abandono, a corrupção dos poderosos, a violência, a dor, mas também a esperança, o amor de uma mulher, o sonho de uma criança, o desejo de consumo, constituindo nas utopias a serem alcançadas. A atenção se volta para as periferias, para autores literários, para artistas, para rappers, porque nestes espaços se preserva o sentido verdadeiro da renovação, considerando tanto a improvisação e a novidade, como a retomada e releitura de fatos da memória social. No México, os corridos, um ritmo musical típico *norteño*, que surgiu no início do século XX para cantar a revolução mexicana e seus ídolos populares como Pancho Villa e Emiliano Zapata, hoje redimensionado com letras que descrevem o tráfico de drogas, seu poder e sua desgraça. O grupo Tigres del Norte, antigo grupo muito popular por seus corridos e polcas mexicanas, costumam

escrever suas letras a partir de temas populares, relacionados com histórias narradas por seus fãs, que descrevem seus os desejos e as aflições pessoais. Por um tempo, o tema predominante eram *losmojados*, mexicanos que deixavam suas famílias para tentar a sorte como trabalhadores clandestinos nos EUA. A renovação da composição moderna dos corridos atendeu, assim, às premências da realidade social, dando-lhes voz, tal como quando surgiu nos anos 1910.

Transformação parecida ocorre com o rap, ritmo e poesia, produzido pelos manos das periferias. Sem perder seu estilo e a contundência das letras, ele ganhou um novo palco, as redes sociais, e assim, multiplicou o alcance da mensagem. Podem, agora, não só discutir nas letras o drama de seu grupo social, de sua quebrada, mas podem discutir temas como o racismo, ou trazer a lembrança de efemérides históricas, ultrapassando os limites dos bairros menos atendidos pelo poder público e pela iniciativa privada, os chamados “territórios da precariedade” (TELLES & CABANNES, 2006). Improvisação e tradição, formulados em uma receita característica dos jovens periféricos, beneficiando a sociedade com novas propostas, novas ideias, novos ritmos. O grupo Calle 13, das periferias de San Juan de Porto Rico, canta um rap com belíssima letra sobre a América Latina, um chamado singular sobre a integração latino-americana, com falas e imagens de diversos recantos do continente, pessoas com traços distintos, das cidades, do campo, do litoral, do altiplano, de várias faixas etárias,

“Sou... sou o que deixaram/Sou toda a sobra do que te roubaram (...) sou o sol que nasce e o dia que morre/ Com os melhores entardeceres (...) Sou América Latina, um povo sem pernas, mas que caminha”.

O grupo Área 23, de Caracas, compôs uma poesia baseada nos fatos de abril de 2002, descrevendo a história do golpe de estado, do ponto de vista da população dos *barríos*, áreas pobres, que ocupam os morros que rodeiam a cidade, e que mais tarde seria abortado graças à interação pelas redes sociais e celulares, “Cai o país, um golpe já está em prática/ Empresas atacam de forma midiática/ Um novo presidente se levanta sem sufrágio/ Derrubam um comandante, mas não calam o *barrio* (...)”. São muitos outros os exemplos, semelhantes a estes, registrando posturas, visões de mundo, sentimentos, divulgados por jovens que propõem releituras das memórias sociais, adaptadas para a realidade vivida.

Com as redes sociais – e esta é uma discussão que merece ser retomada em outra oportunidade – as vozes periféricas assumem o protagonismo de suas narrativas, disseminando-as para outros horizontes. Se no começo a poesia e sua declamação performática na Cooperifa incorpora o drama épico do seu cotidiano, logo essas vozes ganham novas plataformas, não apenas na letra das escrituras, mas na representação do teatro, na programação da TV digital, no experimentalismo do cinema, onde os temas relacionados à *quebrada* são incorporados no debate coletivo. Os jovens assumem a condução de experiências renovadoras da linguagem, e com eles as periferias aprendem a produzir, e não apenas a consumir a cultura que vem “do outro lado da ponte”. Como na música do Rappa, “só a gente misturando para ver o que vai dar”.

Fuentes, no início de seu *La Gran Novela...*, nos fala de Erasmo e Morus, a loucura e a utopia renascentistas, o elogio de utopia (dever ser) e topia (ser), submetidas à crítica da razão, “mas a razão, para ser razoável, deve ver-se a si mesma, com os olhos de uma loucura irônica” (FUENTES, 2011, p. 19). O vigor das produções periféricas, envolvendo novos pontos de vista para a reflexão social, sinalizam a retomada de uma força épica faltante na sociedade pós-moderna, convertida aos padrões neoliberais, acrescentando o sabor da ousadia, o colorido da discordância, a força do pensamento engajado, um projeto utópico a ser alcançado.

As barricadas do desejo se transformaram no simulacro das batalhas pelas ideias, ou, no consenso de uma espiritualidade difusa, que prega o imobilismo em nome da riqueza material; as grandes alamedas alentadas na derradeira locução radiofônica de Allende, antes que sua voz fosse calada, transformaram-se nas grandes alamedas assépticas rumo ao próximo shopping. A propósito dos shoppings, Beatriz Sarlo nos relata uma experiência interessante,

Eu queria analisar as razões que levaram os shopping centers a derrotar formas de entretenimento vitoriosas no passado. Enumerei algumas delas: a decadência dos espaços públicos, abandonados durante muitos anos por um Estado desinteressado em mantê-los e, sobretudo, em atualizá-los culturalmente, a insegurança que força a classe média a se refugiar em espaços onde a iniciativa privada garante a ordem e uma certa homogeneidade social; a vitória do imaginário oferecido pelo mercado (...)
(SARLO, 2004, p.79).

Sua frustração tem uma conotação afetiva, que já não mais pulsa como uma necessidade imperiosa do cidadão-consumidor. O conforto das concepções contemporâneas nos revela mais do mesmo, sem incômodos, sem imprevistos. Assim ficaram os programas esportivos, realizados em arenas, estádios ou circuitos irrepreensíveis, e transmitidos pela mesma voz, locução isenta de emoção e de adesão; assim ficaram os debates políticos, onde a palavra se reproduz sem provocar discussões que culminem em benefícios para a sociedade. A ágora ficou ocupada pelos automóveis e pelos grandes empreendimentos imobiliários, restringindo o lazer e o encontro social.

Toda épica traz em sua construção a semente do imprevisto, do inusitado, e o fracasso nada mais é do que um componente possível, que percorre todos os momentos da narrativa. A teleologia é em si um mistério desvelado em partes: sabe-se como e de onde se começa, mas pouco ou nada se sabe do destino. O capitalismo neoliberal transforma a aventura da vida numa ilusão intangível de consumo, destituída de afeto, de memória. Em outras palavras, suprime-se o início e o fim, para que permaneçamos indefinidamente no percurso das alamedas dos shoppings.

A cosmogonia da América Latina incorpora a rebelião da arte barroca, a mestiçagem de brancos, negros e índios, e o fantástico como a expressão diferenciada de nossa narrativa. Passamos de Carpentier a Borges, de Rubião a Azuela, de Darío a Benedetti, e nos tempos presentes alcançamos as bordas de nossas cidades, a épica do cotidiano conduzida por sonhadores humildes, com sua voz que resiste em não se apagar, e o imaginário a fomentar uma renovada utopia, não muito além das colunas de Hércules.

Conclusão

Seja como for, ainda que com as dificuldades estruturais apresentadas e difundidas pelo sistema econômico de que, pelo bem ou pelo mal, fazemos parte, vivemos em um continente cuja história nos revela passagens maravilhosas de sua invenção. Ainda que marcados por uma proposta de vida alienante, nossa literatura nos redime ao evidenciar a beleza de nosso percurso, ao longo destes últimos cinco séculos, desvelando-nos uma memória orientada pelo imaginário fantástico, caminho que, como nos diz Fuentes, foi a opção para conhecermos nossas origens.

No momento presente, penso que não só, como diz Tomás Eloy Martinez, nossa literatura tenha um destino subversivo, marcado por uma imaginação sem limites. Aproveitando as circunstâncias favoráveis de um robustecimento na economia e na democracia, nestes últimos dez anos, acredito que a América Latina está fadada a encontrar o seu caminho, talvez um pouco nos desígnios propostos pelos seus jovens das periferias, esses artistas e literatos que na loucura de suas escrituras, ao melhor estilo erasmiano e renascentista, não permitirão que deixemos de alcançar a tão ambicionada justiça social.

Referências

- ANDERSON, Benedict. **As Comunidades Imaginadas**. São Paulo, Cia das Letras, 2008.
- ARREGUI, Mario. **Cavalos ao Amanhecer**. Porto Alegre, LP&M, 2008.
- AZUELA, Mariano. **Los de Abajo**. Barcelona, Ediciones Vicens Vives, 2008.
- BAUMAN, Zygmunt. **Vida de Consumo**. Buenos Aires, Fondo de Cultura Económica, 2007.
- BOURDIEU, Pierre. **Pensamiento y Acción**. Buenos Aires, Libros del Zorzal, 2005.
- FAORO, Raimundo. **Os Donos do Poder**. São Paulo, Publifolha, 2000.
- FUENTES, Carlos. **La Gran Novela Latinoamericana**. Buenos Aires, Alfaguara, 2011.
- GÜIRALDES, Ricardo. **Don Segundo Sombra**. Buenos Aires, Longselles, 2004.
- HOLANDA, Sérgio B. **Visão do Paraíso**. São Paulo, Publifolha, 2000.
- LIMA, Lezama. **A Expressão Americana**. São Paulo, Brasiliense, 1988.
- MARTÍNEZ, Tomás E. **La Otra Realidad**. Buenos Aires. Fondo de Cultura Económica, 2006;
- PAZ, Octavio. **O Labirinto da Solidão**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2006;
- RODÓ, José Enrique. **Ariel**. Madrid, Cátedra, 2000.
- ROTerdã, Erasmo de. **Elogio à Loucura**. São Paulo, Abril Cultural, 1979.
- SARLO, Beatriz. **Tempo Presente**. Rio de Janeiro, José Olympio, 2004.
- TELLES, Vera da S; CABANNES, R. **Nas tramas da cidade: trajetórias urbanas e seus territórios**. São Paulo: Associação Ed. Humanitas, 2006.